

tantos sensualismos novos ainda não explorados...”⁷ É sem dúvida alguma a convivência com o amigo, primeiro em Lisboa, nas esplanadas dos cafés ou em casa de Sá-Carneiro pai, e depois por carta, que vai levar Pessoa a integrar o imenso domínio das sensações em sua arte poética, razão por que se chamará, na pessoa de Campos, “poeta sensacionista”, criará uma escola literária chamada “sensacionismo” e tomará por divisa (comum a Campos, a Bernardo Soares, a Ricardo Reis e ao próprio Pessoa): “Sentir tudo de todas as maneiras.”

Imaginemo-los aos dois no verão de 1912, no Chiado ou no Rossio, conversando e bebendo interminavelmente, na exaltação da juventude, simultaneamente ansiosa e confiante. É nesse momento que se elabora o que será o “modernismo”. De maneira ainda desordenada: nenhum dos dois se encontrou ainda definitivamente. É em Paris que Sá-Carneiro se vai tornar no que é; e levará ao amigo, através das cartas, “os tempos que correm”: o cubismo, o futurismo, os balés russos, tudo o que vai ser em breve o dadaísmo, o “espírito novo” de Apollinaire, o surrealismo. Dar-lhe-á igualmente consciência cosmopolita européia, que transcende as duas culturas entre as quais Pessoa se divide. Mas Sá-Carneiro, na busca febril do segredo de seu ser, oferecer-lhe-á sobretudo o modelo de poeta em que ele próprio gostaria de se tornar, empenhado sem compromisso na busca do absoluto, até a loucura e a morte. Por seu lado, Pessoa não estará de posse da totalidade de seu domínio interior senão dois anos depois, no “dia triunfal”. Sá-Carneiro escrever-lhe-á então: “É assim, meu querido Fernando Pessoa, que se estivéssemos em 1830 e eu fosse Honoré de Balzac lhe dedicaria um livro da minha *Comédia Humana* onde você surgiria como o Homem-Nação — O Prometeu que dentro do seu Mundo-Interior de génio arrastaria toda uma nacionalidade: uma raça e uma *civilização*.”

Sá-Carneiro é mais esteta que Pessoa, mais resolutamente voltado para a vanguarda, mais atento à moda. Sua prosa e seus versos transbordam de uma imagética pós-simbolista que lembra a pintura de Burne-Jones, de Gustave Moreau ou de Klimt. O ouro é a metáfora da Beleza, valor supremo que “é o único que redime”. O jovem escritor tem algo de Oscar Wilde, mas o erotismo que ilumina toda a obra de uma luz glauca, contrastando com o brilho das sedas, das

⁷Op. cit., p. 26.

pedrarias e das carnes nuas, é muito mais ambivalente e enigmático no português do que no inglês. Desse desejo secreto *A Confissão de Lúcio* sugere tudo e não diz nada, a não ser a vertigem existencial que provoca no narrador. Ricardo, que ama Lúcio numa alma e num corpo que não são os dele mas os de Martha, amante dos dois, acaba por lhe dizer: “Que valem os outros, entanto, em face da tua amizade? Coisa alguma! Coisa alguma!... [...] Pelo teu afecto eu trocaria tudo — mesmo o meu segredo.”⁸

⁸Op. cit., p. 149.